

EROS E A PROSTITUIÇÃO FEMININA

Ateniense no V Século a.C: Aproximações e Representações

JULIANA MAGALHÃES DOS SANTOS*

RESUMO

Este breve estudo possui o objetivo de refletir sobre alguns aspectos religiosos que circundavam o universo da prostituição na Atenas Clássica. Para tal, tentaremos rastrear algumas associações discursivas relacionadas a Eros para pensar quais aspectos do “tempo festivo” do banquete (symposion) poderiam ser favoráveis, em suas especificidades, à uma relação que aproximaria prostituição e religiosidade.

Palavras-chave: Grécia Clássica; Gênero; Prostituição

ABSTRACT

This brief study has the objective to reflect on a number of religious aspects that surrounded the universe of prostitution in Classical Athens. For this purpose, we will try to track down discursive combinations related to Eros to reflect which aspects of the “festive time” inside the banquet (symposion) could be favorable, in their specificities, to a relationship that would approximate prostitution and religion to this banquet.

Keywords: Classical Greece; Gender; Prostitution

* Doutoranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense (PPGH/ NEREIDA/ CAPES).
Email: jumagasantos@gmail.com.

— “Não é estranho, Erixímaco, que para outros deuses haja hinos e peãs, feitos pelos poetas, enquanto que ao Amor (*Eros*) todavia, um deus tão venerável e tão grande, jamais um só dos poetas que tanto se engrandeceram fez sequer um ecômio? (...) Assim, não só eu desejo apresentar-lhe a minha quota e satisfazê-lo como ao mesmo tempo, parece-me que nos convém, aqui presentes, venerar o deus”. (PLATÃO, *O banquete*, II)¹

O convite de Fedro a Erixímaco e aos presentes no banquete descrito por Platão nos permite vislumbrar como as condutas dos cidadãos atenienses (aspirações filosóficas, socio-políticas, de hospitalidade, união e amizade) se associavam e poderiam ser fundamentadas na relação com os deuses. Da libação em honra e oferecimento às divindades pela celebração festiva e, no caso dos escritos de Platão², à discussão da influência dos deuses na conduta amorosa, os banquetes privados eram um dos exemplos de espaço de celebração em que era possível realizar se aproximar do plano sagrado. Ao oferecer seus préstimos e homenagens em favor da permissão para acessar um outro plano de ações - o tempo festivo, o(s) líder(es) e celebrantes das festividades sintetizavam simbolicamente crenças e ritos a serem praticados tanto em espaços públicos quanto privados, sacralizando o espaço-tempo vivido. Fossem os votos dedicados a Dionísios (deus do vinho e da ebridade) ou a Eros (deus associado aos rompantes sexuais e as ações amorosas), o posicionamento dado às divindades coroa uma relação de dependência e respeito, de maneira a permitir que todos os aspectos da vida do homem grego estivessem sob a influência divina. Sendo assim, compreendemos Schmitt Pantel quando afirma que a não separação entre o religioso e vida social era uma característica fundamental dos gregos antigos³.

Quando nos deparamos com uma divindade tal qual Eros, destacamos a afirmação de Grimal⁴ que aponta o deus como uma força fundamental do mundo, desde as primeiras teogonias arcaicas às da época alexandrina. Segundo o autor, ele seria a representação da continuidade das espécies, além de ser o elemento chave da coesão cósmica, assegurando o equilíbrio da vida.

Sob o encanto de um belo jovem de feições sedutoras ou hipnotizados pela imagem de um inocente e encantador menino alado, estas, entre outras representações do deus Eros circundam a imaginação da humanidade ocidental desde tempos recuados. Exaltado pelos versos da poesia lírica ao longo do período arcaico, amplamente apresentado pela iconografia clássica e referência recorrente de laços afetivos e matrimoniais no Período Helenístico⁵, Eros parece ser figura essencial para refletirmos o espaço ocupado por temas como o amor (em suas variadas formas e expressões) e a sexualidade na Grécia antiga.

Segundo Calame⁶ as atenções voltadas a Eros remontam aos mitos de origem de Atenas, não em direta influência, mas associado a deusa Atená através das festas e cerimônias consagradas a fundação da cidade, especificamente as Panatenéias e as Arréforas.

1 PLATON. *Le Banquet*. Trad. Paul Vicaire. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

2 *Idem*.

3 SCHMITT PANTEL, Pauline. *La Cité au Banquet: Histoire des repas publics dans les cités grecques*. Rome: Ecole française de Rome, 1992.

4 GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

5 CALAME, Claude. “Il divino potere dell’eros”. In: CALAME, C. (ed.). *L’amore in Grecia*. Roma: Editora Laterza, 1984; LEWIS, Sian. *The Athenian Woman: An Iconographic Handbook*. Nova York: Routledge, 2002; SHAPIRO, H.A. “Eros in Love: Pederasty and Pornography in Greece”. In: RICHLIN, A.(ed.). *Pornography and Representation in Greece and Rome*. Nova York: Oxford University Press, 1992.

6 CALAME, *op.cit.*, p. XXXVII.

Particularmente o culto denominado Arrefóras⁷, consagrado como uma espécie de rito de passagem que poderia significar a preparação para o fim da infância e o início da vida adulta de jovens mulheres. Aristófanes nos dá pistas de tal rito em *Lisístrata* (641-647)⁸, em que encontramos indícios que este processo fazia parte de um conjunto de rituais que Calame (2013)⁹ indica serem elementos de iniciação a sexualidade que culminavam no casamento, sendo essa sua etapa inicial.

“Desde os sete anos que sou Arrefóra. /Aos dez, fazia bolos sagrados para nossa Soberana/Com vestido de açafão fui urso na festa dos Braurônios/ E Canéfora, quando uma formosa donzela/ Levando um colar de figos secos”¹⁰.

Esse evento marcava a reatualização dos préstimos ao primeiro Rei da Ática, Cécrope, bem como seu descendentes, renovando as esperanças na reprodução da cidade através do casamento e da conjugação sexual, através de um processo de germinação e maturação de um fruto selvagem a ser colhido. No caso de Afrodite, em que as jovens eram conduzidas ao templo de Afrodite dos Jardins, vislumbramos a despedida da natureza selvagem humana (representada pelas meninas escolhidas para os cultos) e o início do contato com o amor e a paixão (já em vias de preparação para a vida adulta e suas relações). Na base destas representações sociais temos uma tensão entre instinto humano (lívido) e bestial, associadas ao Eros, modelo divino primordial de potência (sexual, sentimental ou social) que ancora o homem na base das relações humanas e se faz expressar pela cultura como motor condutor da reprodução social e política ateniense.

Apresentando-se como um dos possíveis elos míticos entre a esfera religiosa e cívica, Eros preside suas ações de duas maneiras, aparentemente ubíquas, às relações de natureza afetiva: 1) como o impulso eminentemente divino das tensões amorosas transfigurado no ato da “escolha”, a flecha, a seta que indica a direção de sua potência (ou vontade); 2) como deus que coroa as ações, permitindo que se extravase os impulsos sentimentais e sexuais. Como causa e efeito dos desejos de homens e deuses¹¹, Eros transfigura sentimentos e sensações que dominam todos os seres, encarnado na representação ideal de beleza, ao qual Platão, em *O Banquete*, sugeriu ser o ponto de equilíbrio social a que todos os cidadãos atenienses poderiam almejar.

Levando para casa ateniense as discussões sobre o Eros, no Período Clássico, Platão (*O Banquete, II*) apresenta o espaço privado como meio fundamental de reflexão sobre a influência do deus. Escolhe as *symposia*, ocorridas no *andrón* (cômodo preferencialmente masculino da casa), local em que grupos políticos (*hetaireíai*) se reuniam para banquetear, confabular e, muitas vezes, extravasar seus humores carregados pelos excessos carnavalescos¹² sob o efeito do vinho, dando vazão aos seus desejos sensuais. Segundo o filósofo¹³ as convenções eróticas de outras *póleis* poderiam ser compreendidas e definidas, porém a ateniense era complexa, múltipla, o

7 Ritual em que jovens moças de origem cidadã eram escolhidas para servir o templo de Atená ou no Erectéon, na Acrópole ateniense, durante um ano. Segundo Pausanias (1,27,3) as jovens, na noite do dia da festa de comemoração das Arrefóras realizavam o transporte de objetos secretos em cestas através de uma passagem subterrânea até o santuário de Afrodite dos Jardins e de volta a Acrópole. Terminada a ação, outras jovens eram escolhidas para dar continuidade aos ritos nos anos subsequentes.

8 ARISTOPHANES. *Aristophanes: Birds, Lysistrata, Women at the Thesmophoria* (Trad. Jeffrey Henderson). Boston: Harvard University Press, 2000.

9 CALAME, Claude. *Eros na Grécia Antiga*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

10 ARISTÓFANES: *Lisístrata*, 642.

11 FASCE, Silvana. “Eros dio dell’amore”. In: CALAME, C. (ed.). *L’amore in Grecia*. Roma: Editora Laterza, 1984.

12 LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira: *Cultura popular em Atenas no V século a.C.* Rio de Janeiro: 7letras, 2000.

13 PLATÃO, *O Banquete*, 182a: 7-9

que explica a diversidade de discursos professados em *O Banquete*. Para nós, essa complexidade estenderia a influência do Eros para as relações entre homens e mulheres que tomavam parte do “tempo de excessos” vivenciado nos banquetes. E como os convivas se deixavam levar por esses excessos a ponto de reconfigurar os atos sexuais em potência erótica desmedida, de maneira a reafirmar a predominância física - e em um plano geral, política e social, masculina.

As práticas dos banquetes eram divididas de acordo com seus espaços: os de caráter público (*deípnon*) e os de privado (*sympósion*). Ambos eram locais de encontro de reuniões políticas e expressavam reciprocidade e hospitalidade entre diversos grupos sociais de maneira a estreitar os laços de amizade (*philia*). Havia, por isso, certa diferenciação no interior de cada prática em termos de comensalidade e expectativas de comportamentos sociais. Os banquetes de caráter público comemoravam festas do calendário religioso e eram celebrados em favor das divindades para a proteção da *pólis*¹⁴. Havia sacrifícios e refeições com o objetivo de cumprir as regras de hospitalidade e de estreitar laços políticos entre Atenas e outras póleis. Os convivas saíam em cortejo (*kômos*) pelas ruas do espaço urbano se divertindo e entregando-se aos prazeres da vida para amenizar as tensões cotidianas e cultuando as suas divindades. Isso nos leva a crer que era comum a participação de um grande número de indivíduos (homens, mulheres, idosos, crianças) em banquetes públicos, posto que além de celebrar uma festividade, era opção de lazer, reforçava e criava laços de amizade em todos os níveis, e era um meio de comemorar bons rendimentos obtidos pela cidade.

Os banquetes privados geralmente eram realizados para celebrar motivos literários e filosóficos, e serviam como prática política recorrente, sendo que o cidadão que porventura não participava deles era considerado um excluído social¹⁵. Isso possivelmente acontecia pelo fato da elite abastada e intelectual considerar o banquete como local preferencial para o entrevis político e para tratar de assuntos pró ou contra democracia.

O Eros, convocado pelo banquete platônico (*O banquete, II*)¹⁶ para assumir o papel de patrono das discussões filosóficas, não parecia ser a escolha primária para ser o guia dos ritos de libação entre convivas - papel que cabia, comumente, a Dionísio. Não obstante, a escolha da discussão era significativa devido à aparente onipresença do deus em banquetes, demonstrada pelo tempo festivo, momento em que os convivas se deixavam levar pela sedução e pelos arrombos sexuais, incitados pela ação desmedida da loucura dionisíaca. Porém, acima das aventuras sexuais e da ebridade, celebrava-se ali a reunião entre pares, que funcionava como uma espécie de microcosmos da cidade, reforçando laços de amizade, companherismo e amor, a troca de conhecimento e o fortalecimento de laços políticos.

Para compreendermos tais ações festivas, primeiro precisamos conhecer as etapas dos simpósios citadinos da época clássica. A ritualização do *sympósion* possuía estágios: o conviva chega à casa onde ocorrerá o banquete; ao chegar no andrôn é coroado com guirlandas; suas mãos e pés são lavados por escravos; diversos tipos de comidas eram oferecidos em mesas portáteis; é feita a libação (prática de verter vinhos a favor de divindades para pedir proteção e graças - geralmente dedicado a Dionísio, daí o fato de ser considerado uma prática dionisíaca) aos deuses iniciando-se o *sympósion*; é escolhido o chefe da reunião; é iniciado o consumo do vinho, e estágio onde é possível encontrar a subversão de valores e a suspensão da ordem social pelos convivas (*carnavalização*)¹⁷. Os participantes entravam em um estado de liberdade

14 SCHMITT PANTEL, *op.cit.*

15 THEML, Neyde: *O Público e O Privado na Grécia do VIII Ao IV Séc. a.C.: O Modelo Ateniense*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

16 PLATÃO, *O Banquete*, II.

17 LIMA, *op. cit.*, p.25.

utópica e se libertavam das normas e leis sociais, tendo no ato de beber e o celebrar o do rito de passagem para o tempo festivo. Segundo Murray, o tempo dos banquetes “*criava uma ordem estranha às regras da comunidade mais vasta, com seus valores alternativos próprios. A libertação ritual das inibições pelo consumo de álcool exigia regras próprias destinadas a manter o equilíbrio entre a ordem e a desordem*”¹⁸.

O uso de um tempo específico e finito, presidido por um rito de ascendência divina, que escapa em direção aos temas socio-políticos e filosóficos, nos faz refletir sobre a convergência da vida ateniense para o centro do poder público gerido a partir de celebrações privadas. A cidade, como base e centro do poder e da vida ateniense, promovia uma espécie de trânsito de práticas político-religiosas, do centro urbano ao familiar, mostrando a ocupação da totalidade espacial na qual o homem grego estava imerso. Esse trânsito contendo sistemas simbólicos de significação exprimiam táticas de conceber ritos e expressões de religiosidade que não necessariamente precisam de espaços físicos para se expressar, se baseando no tempo e na crença daqueles que invocavam as divindades.

A repetição de práticas ritualísticas nos banquetes tais como a libação serviam, não só para a reestruturação da ordem e reintegrar o homem com o meio em que vive, mas também para evitar o esgotamento da imagem de Dionísio enquanto patrimônio da memória dos atenienses. Um patrimônio específico e relacionado a memórias de festas e celebrações. O culto ao deus, nessa perspectiva, poderia ser considerado um culto memorialístico em que a invocação mantinha acesso a reverência ao sagrado. Sobre a ideia de memória, Cerneau¹⁹ a indica como ponto potencial de ação, que faz com que o contato com a vivência cotidiana se transforme. Permitiria ao celebrantes se apropriarem de operações inventivas para reforçar a conexão com o sagrado. No caso do *sympósion*, ainda que não seja um evento cotidiano, é uma festividade comum de celebração e união para o ateniense.

O tempo próprio do banquete, tal como uma *heterotopia*, indica a possibilidade de delinear as vivências no ambiente interno segundo as experiências do espaço fugaz em que eram realizados. Este efeito não só servira “*como práticas de reafirmação da ordem e da estrutura e (...) como função a manutenção do poder*”²⁰, elas inscreveriam a vivência das paixões e as manifestações de poder e inteligência em um espaço interno rico e com expressões próprias. A celebração deste tempo festivo, segundo Platão²¹, unia amizade e amor, condições primordiais da organização política e social ateniense, apresentados, no caso, através da figura do deus Eros.

O termo *sympósion*, segundo Schmitt Pantel²², se refere ao tempo após a refeição, quando os homens bebem juntos. Num sentido *lato*, o termo é sinônimo tanto a uma prática: comer e beber juntos, como de uma instituição social, uma associação privada entre indivíduos, um grupo de homens que afirma a sua identidade. A demonstração de ser um sinal básico de vida na cidade em todos os níveis, no Período Clássico. O sistema de relações em um banquete é “reflexo” e “reflete” também as relações socio-religiosas que tendia a converter as relações básicas em liberação e carnavalização dos sentidos, do cotidiano citadino e de ações diárias como comer e beber. A dinâmica sociopolítica concentrada pelo banquete se torna, então, pano de fundo para a elaboração de atos que vão além das demarcações políticas, mas que possuía circunscrição religiosa.

18 MURRAY. Oswyn. *Symptica: A Symposium on the Symposion*. Oxford: Clarendon Press, 1995, p.213.

19 CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

20 LIMA, op. cit., p.19-21.

21 PLATÃO, *O Banquete*, I

22 SCHMITT PANTEL, op. cit., p.27.

O culto a Eros, nessa perspectiva, poderia ser considerado um culto memorialístico em que a invocação manteria acesso a reverência ao divino através das ações que ele celebrava. Sobre a ideia de memória, Certeau²³ a indica como ponto potencial de ação, que faz com que o contato com a vivência cotidiana se transforma. No caso do *sympósion*, ainda que não seja um evento cotidiano, é uma festividade comum de celebração e união para o ateniense, que era transformada para adquirir características e expressões próprias de seus participantes.

Como operador ético e místico, cuja função sexual é captada pelo pensamento simbólico e discursivo da sedução e utilizado como vetor da ação física para iniciar os prazeres do amor²⁴, Eros confiava a incorporação de seus atributos aos simposiastas. As *hetáirai*, consideradas de maneira geral como cortesãs, talvez assimilassem sutilmente os jogos de amor, apropriavam constantemente os signos próprios a sedução para atrair clientes que se interessavam por suas barganhas. Entre sujeições, demonstrações de controle e poder²⁵ ou como meros acessórios que cooperam no desenvolvimento dos banquetes²⁶ elas desenvolviam práticas comuns à sua ação. Esse código penetrava e reconfigurava o espaço em que momentaneamente circulavam. Isso significa utilizar do espaço de maneira inventiva, tendo o tempo, fugaz e passageiro, como medida para celebrar determinado acontecimento ou ação.

Apolodoro, no discurso atribuído a Demóstenes, *Contra Neera* (59)²⁷ expõe o intercurso marital entre Estéfano e Neera, apresentando uma discussão a respeito da vida e atos de Neera, considerados ofensivos a vida cidadã, por estarem, segundo ele, ligados ao universo da prostituição. Tais escritos indicavam haver problemas não só na relação entre cidadãos e não-cidadãos (escrava/prostituta), mas também o que poderia afetar o reduto privado do homem ateniense.

"Depois de tê-la consigo, ele [Estéfano] a trouxera por duas razões: para ter gratuitamente uma bela hetaira e para que não só ela [Neera] arranjasse as coisas necessárias como também mantivesse a casa; de fato, não lhe restava outro caminho, exceto alguma coisa que ele recebia, procedendo como sicofanta".²⁸

Embora indique a presença de um hetaira, nega-lhe a posição de mulher bem nascida (*gyné*) ao conjugar sua presença e papel doméstico próximo ao que se esperava de uma *pallaké* (concubina). Demóstenes parece perceber o espaço familiar como um cosmos de ordem permanente e reproduzido da cidade em contraposição a temporalidade fugidia da prostituição no *oikos*, tal como uma *heterotopia*²⁹ recorrente em casos como os dos banquetes. O tempo próprio do banquete, tal como uma *heterotopia*, indica a possibilidade de delinear as vivências no ambiente interno segundo as experiências do espaço fugaz em que eram realizados. Este efeito não só servira "como práticas de reafirmação da ordem e da estrutura e (...) como função a manutenção do poder"³⁰, elas inscreveriam a vivência das paixões e as manifestações de poder e inteligência em um espaço interno rico e com expressões próprias. A celebração deste

23 CERTEAU, *op. cit.*

24 CALAME, Claude. "Il divino potere dell'eros". In: CALAME, C. (ed.). *L'amore in Grecia*. Roma: Editora Laterza, 1984.

25 MCCLURE, Laura. "Introduction". In: FARAONE, C. A. & MCCLURE, L.K. *Prostitutes and Courtesans in the Ancient World*. Wisconsin: The University Wisconsin Press, 2006.

26 LISSARRAGUE, François. *The Aesthetics of the Greek Banquet: Images of Wine and Ritual*. Translated by Andrew Szegedy-Maszak. Princeton: Princeton University Press, 1991.

27 DEMÓSTENES. *Contra Neera - Discursos Privados II*. Biblioteca Clásica Gredos, 65; Editorial Gredos, 2000.

28 *Idem*, v.39.

29 FOUCAULT, Michel: "Of other spaces". *Diacritics*, v.16, no.1. Baltimore, 1986.

30 LIMA, *op. cit.*, p.19-20.

tempo festivo, segundo Platão³¹, unia amizade e amor, condições primordiais da organização política e social ateniense, apresentados através da figura do deus Eros. Ele, então, seria uma das entidades a explicitar os valores perpetuados pela cidade ao apresentar no banquete as várias facetas do amor, levando-nos a crer na internalização da celebração em homenagem à divindade.

Quando adentravam os banquetes, convidadas para entreter e servir um grupo de cidadãos, as *hetairai* pareciam encarnar o imaginário erótico de gratificação sexual e divertimento³², como um passatempo à margem da vida e das preocupações cidadãs. Considerada como um *techné*, a arte da sedução praticadas pelas cortesãs geralmente ultrapassa o entreterimento físico, devido ao treinamento ostensivo de diversas habilidades sociais³³. Logo, a aparente incongruência entre o papel de prostituta e de mulher bem nascida, guardiã da casa, que Demóstenes³⁴ parece demonstrar acima, indicaria que tais papéis eram fixos e imutáveis, cabendo as prostitutas um papel do entretenimento limitrofe, que não deveria ultrapassar as portas do *ándron*, a não se que se dirigissem à rua. Para Calame (2009)³⁵ as cortesãs se situariam em uma posição social intermediária, que envolveria a relação com os cidadãos em uma área considerada semi-pública, no caminho entre a *ágora* (a praça) e o *andrón*. O que se pode tomar parte é que, apesar da participação inscrita entre os dois espaços, a *hetaira* apenas circunda as esferas não pertencendo a nenhuma delas de fato.

Segundo Sutton Jr.³⁶ cenas pornográficas envolvendo prostitutas, de maneira geral, eram representadas em taças e vasos voltados para o consumo de vinho que possivelmente eram utilizadas em eventos tais como as *symposia*. No Período Clássico, a predominância da valorização ao culto dionísíaco passou a dirigir as atenções para produções iconográficas que apresentavam uma dicotomia submissão/dominação sexual, coincidindo com as informações relativas ao objetivo central da prostituição feminina - o prazer masculino³⁷. A circulação de imagens com temas pornográficos e obscenos (fortemente predominante no período entre 575-450 a.c) sugere, em plano geral, motivações políticas incentivadas por noções contraculturais, indicando através da imagética o triunfo e a predominância da gratificação masculina, inclusive na área sexual. Logo, a prostituição seria apresentada como um estímulo ao prazer masculino, e não uma necessidade de expressão do prazer feminino.

Nesse sentido, o Eros coroa a intemperividade do ato sexual, encarnando na relação física o plano de submissão amorosa e de domínio sexual, que apesar do arrombo de prazer e licenciosidade presente no “tempo do excessos”, possui o poder de controlar o ambiente em que se encontra (seja a casa ou as contendas políticas) e ditar os jogos de amor. A potência erótica relacionada à prostituição carregava consigo o elemento de sedução irrefreada e irrestrita, reforçando o sentido imagético e poético do deus³⁸.

Poderíamos pensar sobre essa simbiose como uma espécie de catarse da vivência social cidadã advinda dos arrombos simposiáticos. Ela funcionaria como válvula de escape, deslocando para as agressões, desmandos, submissões a tentativa de exercer o controle sobre outros fins (ou indivíduos), para que a ordem social não fosse abalada. Essa relação dicotômica parece ampliar as qualidades cidadãs, ao mesmo tempo em que desqualifica o que não é

31 PLATÃO, *O Banquete*, I.

32 CALAME, Claude. *Professionnelles de l'amour : Antiques & impudiques*. Paris: Belles Lettres, 2009.

33 COHEN, Edward. "Free and unfree sex work". In: FARAONE & MCCLURE, *op.cit.*

34 DEMÓSTENES. *Contra Neera*.

35 CALAME, *op. cit.*

36 SUTTON JR, "Pornography and Persuasion on Attic Pottery" In: RICHLIN, *op.cit.*, p.8

37 *Idem*, p.9.

38 *Idem*, p.26-27.

cidadão, neste caso a prostituta, aproximando a sua representação à de uma caricatura³⁹. Interessante notar que a quase onipresença do Eros não parecia suavizar, idealizar ou imputar elementos ligados a sedução de prostitutas da mesma maneira em era associado a imagens de pederastia ou homoerotismo de cunho aristocrático. Tal efeito não se dava somente no nivelamento das trocas sociais, obediente e atenciosa aos usos apreciáveis de cidadania como expressão da virtude, da beleza e da *philia*. Mas também em função do plano político⁴⁰ que atendia a evolução de novas estruturas sociais com o surgimento da democracia, refletindo, por isso, a necessidade de representações imagéticas com um linguajar popular e não menos sofisticado, se distanciando dos modelos individuais em prol do bem comum da *pólis*⁴¹. Vemos então, no final do Período Clássico, as representações do Eros gradativamente migrarem de imagens pornográficas e obscenas para representações associadas à corte e ao casamento, através da euforização de elementos que denotam a estabilidade social e a gratificação familiar focadas na imagem da mulher bem casada.

39 SHAPIRO, *op. cit.*, p. 54

40 *Idem.*

41 SUTTON JR., *op. cit.*, p. 33.